

Repercussões da moratória

Tudo indica que o Governo suspenderá a moratória, decretada com algum patriotismo e muito açodamento. Em vez de questionar a dívida, contestá-la se houvesse irregularidade, o Governo achou que lhe bastaria dizer "não pago" para os credores ficarem intimidados. Não foi assim. Os credores, ao contrário, reagiram e o Governo acabou submetendo-se às suas exigências.

O episódio revela bem o que tem sido este Governo em que as raras decisões são tomadas sem nenhuma firmeza. A declaração de moratória de um país não é um ato desimportante, que possa ser adotado sem comprometimento. Ela se justifica em duas hipóteses: o país não tem condições de pagar sua dívida, caso em que deve pleitear o reescalonamento, ou se recusa a saldá-la por considerá-la ilegítima, e a denuncia perante o mundo.

A nossa moratória, porém, não se firmou em nenhum desses princípios. O Governo a lançou como uma esperteza na política interna, destinada a assegurar o apoio das esquerdas, convencido de que suas bravatas evitariam o pagamento da dívida. Foi mais um engano deste governo iludido que, agora, sem condições de enfrentar as represálias, submete-se.

A dívida externa, que aumentou bem nestes dois anos de Nova República, não mereceu, ainda, um tratamento sério. Quem acompanha a atividade política sabe a frequência com que a acusam de contraída ir-

regularmente e conhece as sucessivas denúncias de corrupção nos empréstimos, nenhuma delas ainda comprovada. A promessa de auditoria da dívida externa, de livro branco sobre as irregularidades etc., nunca foi cumprida porque não há, a meu ver, interesse em fazê-lo.

O levantamento da dívida, das condições dos acordos, continua sendo essencial. É preciso se saber, por exemplo, se o Acordo Nuclear Brasil-Alemanha, que o governo Geisel assinou para felicidade dos alemães e que só nos deu, até hoje, duas ou três usinas vagalumes, corresponde mesmo a quinze por cento de nossa dívida. A Nação tem o direito de ser informada sobre quantos milhões de dólares, obtidos com autorização do Senado, foram para estádios de futebol ou metrô de mármore.

O perfil da dívida é imprescindível para que o povo se sinta responsável. Não é possível tratá-la como questão de iluminados, que circulam pelo mundo gastando os dólares obtidos com o suor dos cidadãos, nem com demagogia política. Não se é patriota por defender o calote, nem se é entreguista por reconhecer a dívida. Temos de pagar o devido, mas apenas o que for justo e lícito.

A moratória era muito importante para não ter sido uma decisão pensada e resolvida. Sua suspensão, por esse motivo, tem de ser explicada à Nação, que não pode depender das oscilações de um Governo indeciso.